



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: BRINCADEIRA OU BULLYING?

Neide Rodrigues Santos Silva  
(UESB)

Dulcinéia da Silva Adorni-  
(UESB)

#### RESUMO

Este artigo objetiva descrever um levantamento e a análise da situação de uma sala de aula de 6º ano do Ensino Fundamental em Vitória da Conquista-BA quanto à prática de bullying escolar, desenvolvido como parte das atividades do curso de extensão “Bullying nas escolas: ações educativas preventivas e remediativas para efetivação do direito à inclusão e cidadania”, promovido pela UESB/Itapetinga-BA no decorrer do segundo semestre de 2010. Os resultados obtidos indicam que práticas de intimidação, agressão e assédio são uma realidade no ambiente escolar e não podem mais ser negadas. Medidas urgentes e integradas precisam ser tomadas para o enfrentamento desta problemática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência, Bullying, Escola

#### INTRODUÇÃO

A violência, atualmente, é um assunto recorrente no cenário nacional. Segundo Aranha e Martins (1998), quando se aborda este tema é inevitável que o

---

· Graduada do curso de Pedagogia da UESB/Vitória da Conquista. Extensionista do Curso *Bullying* nas escolas: ações educativas preventivas e remediativas para efetivação do direito à inclusão e cidadania - DEBI/UESB. Participante do GEPSL-Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre letramento. E-mail: neide\_conquista@hotmail.com

· Professora Assistente do DEBI/UESB. Colaboradora do GEPAD - Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre álcool e drogas. Coordenadora do Curso de Extensão *Bullying* nas escolas: ações educativas preventivas e remediativas para efetivação do direito à inclusão e cidadania - DEBI/UESB. E-mail: dulce.spba@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

enfoque seja para o roubo à mão armada, assassinato, estupro, ou seja, atos que intimidam as famílias nas grandes e pequenas cidades. No entanto, os autores destacam a necessidade de abordar este fenômeno de forma mais abrangente, pois a violência nem sempre é tão explícita e mesmo nas suas formas mais sutis de manifestação podem causar conseqüências trágicas. Constitui-se hoje um grave problema no mundo todo, principalmente entre crianças e adolescentes.

De acordo com Faleiros e Faleiros (2008), a violência vem aumentando proporcionalmente ao crescimento das cidades, chegando às escolas de várias maneiras. Atualmente ela já faz parte da rotina das instituições, em proporções alarmantes, prejudicando o seu funcionamento, o rendimento escolar e, conseqüentemente, a qualidade de ensino.

[...] a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e /ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral, e de outro, numa coisificação da infância. Isto é uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento. (MYNAIO, 2001 apud FALEIROS, FALEIROS, 2008, p.31).

Segundo Corti (apud Ferrari, 2006), as escolas não incorporam como fonte de intervenção pedagógica a violência que ocorre em seu interior, existe um descompasso entre o ensino e o "mundo lá fora". No entanto, pelo quadro que se configura, é urgente que estas questões sejam objeto de análise, reflexão e tomada de atitude, pois como afirmam Aranha e Martins (1998), a violência compromete o ser humano como um todo.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Todos aqueles que são atingidos pela violência transformam-se em vítimas, pois são prejudicados de alguma forma pelo uso da força ou privados de algum bem, seja ele a vida, a integridade do corpo ou do espírito, a dignidade, a liberdade de movimento ou os bens materiais. Por isso constitui violência matar, ferir, prender, roubar, humilhar [...]. (ARANHA, MARTINS, 1998, p.186).

Atos agressivos e violentos no ambiente escolar, muitas vezes são banalizados, considerados meras brincadeiras entre crianças e adolescentes. Silva (2010) ressalta a necessidade de revermos essa concepção, pois brincadeira só pode ser assim considerada quando todos os envolvidos se divertem.

[...] é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento. Nessa situação específica, utiliza-se o termo bullying escolar, que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional [...]. (SILVA, 2010, p.13).

Bullying é um termo da língua inglesa que foi adotado universalmente pela dificuldade em traduzí-lo para outros idiomas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de maio a junho de 2005, pesquisadores constataram que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como a Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros, ficando então estabelecido o uso universal do termo inglês.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010, p.21)



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

O precursor dos estudos sobre bullying, segundo Fante (2005), é o professor norueguês Dan Olweus que na década de 1970 desenvolveu pesquisas com o objetivo de investigar problemas de agressão que vinham ocorrendo entre os alunos nas escolas daquele país, provocando trágicas conseqüências. Ele observou que existem diferenças entre as brincadeiras típicas da idade dos estudantes e as chamadas brincadeiras “de mau gosto”, repetitivas e agressivas, as quais ele denominou bullying.

Esse estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Essa situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas; tal fato incentivou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção. (FANTE, 2005, p.45).

A partir desses estudos, surgiu o interesse de outros pesquisadores e instituições escolares em difundir os resultados para outros países, pois ficou comprovado que as crianças tinham sim um comportamento agressivo em relação às outras e que elas eram capazes de usar o seu poder e suas habilidades em detrimento do colega, do amigo, usando inclusive a força física, além de outros artifícios de caráter mais psicológico. (FANTE, 2005)

Calhau (2010, p.13) destaca alguns critérios básicos que foram estabelecidos pelo pesquisador Dan Olweus para a identificação do bullying, com o objetivo de diferenciá-lo de outras formas de violências e das brincadeiras peculiares de cada faixa etária. São eles: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausências de motivos que justifiquem os ataques.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Atualmente, pesquisadores de diversos países dedicam-se ao estudo deste tema. No Brasil, as pesquisas ainda são recentes. Segundo Silva (2010), a ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência desde 2001 dedica-se ao estudo e pesquisa do bullying. Um dos resultados dessas pesquisas é a elaboração de um quadro relacionando ações que podem estar presentes nas situações de bullying, tais como colocar apelidos, ofender, gozar, sacanear, humilhar, aterrorizar, tyrannizar, fazer sofrer, discriminar, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, amedrontar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences, dominar e assediar.

Fante e Pedra (2008) destacam a criação do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o bullying escolar (CEMEOBES), com sede em Brasília-DF, como precursor dos estudos sobre este fenômeno em nosso país.

Segundo Silva (2010), o bullying envolve três tipos de personagens: vítimas, agressores e expectadores. As vítimas geralmente apresentam baixa auto-estima, são reservadas, pouco sociáveis e demonstram com muita clareza as suas inseguranças. No ambiente escolar, costumam ficar pelos cantos, isoladas do grupo ou então, tentam ficar próximas de um adulto no intuito de serem protegidas. Para Lopes Neto (2005), a vítima:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. (LOPES NETO, 2005, p. 4).

Em alguns casos, a vítima do bullying escolar não se sente mais segura na escola. Lopes Neto (2005, p. 4) afirma que ela “pode evitar a escola e o convívio

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

social, prevenindo-se contra novas agressões. Mais raramente, pode apresentar atitudes de autodestruição ou intenções suicidas ou se sentir compelida a adotar medidas drásticas, como atos de vingança[...] ou cometer suicídio”. Muitas delas desistem de ir à aula, pois não conseguem mais se concentrar, ficam desmotivadas para com os estudos e desistem da escola.

Neste mesmo sentido, Calhau 2010, observa que quando acontecem os atos de agressão, a vítima sofre calada, muda de escola ou mesmo de cidade e muitas chegam a colocar em si mesmas a “culpa” pela agressão.

Segundo Silva (2010, p.43), “os agressores podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade, e na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança.” A autora afirma ainda que os agressores não seguem normas e não aceitam ser contrariados ou frustrados, estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo. O desempenho escolar é de regular a deficitário, o que não configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem.

Na nossa sociedade é quase uma questão de senso comum considerar que os meninos são mais agressivos que as meninas. Calhau (2010), no entanto afirma que não é predominante que os meninos agredem mais, o que ocorre é que as agressões são diferentes. Os meninos utilizam mais a força física e as meninas utilizam mais o ataque moral, a fofoca, os apelidos, arquitetam complôs. Os ataques das meninas são mais elaborados e têm um potencial de dano moral e psicológico que afetam muito a vítima.

O outro personagem do bullying, o expectador, consiste na maioria que assiste calada às agressões, por medo de estar naquela posição mais adiante, ou seja, ser a próxima vítima. Segundo (Silva 2010, p51) os expectadores das agressões tendem, em qualquer ambiente, a se manterem calados sobre o que

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

sabem e presenciam. Os mais ansiosos ou sensíveis contam caso e histórias de bullying, mas negam que sejam reflexo de sua própria vivência.

As causas para o bullying são variadas, os autores referem-se à falta de afetividade, ausência de limites e reprodução dos maus tratos (físicos e emocionais) sofridos. Fante e Pedra (2008) salientam que o fator que mais contribui para o comportamento bullying, é a competitividade, que por consequência acaba gerando o individualismo e a dificuldade de socialização.

Silva (2010, p.57) destaca que “as novas gerações, muitas vezes, se ressentem de uma base sólida e segura sobre a qual elas possam se estruturar de forma gradual e, até mesmo, modificar suas próprias referências”. Neste mesmo sentido, Fante e Pedra (2008), falando sobre as causas do bullying, afirmam que:

As inúmeras correntes filosóficas, psicológicas, antropológicas e pedagógicas tentam explicá-lo, e a maioria apontam para os seguintes aspectos: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas, excessivas permissividade, exposição prolongada à inúmeras cenas de violência exibidas pela mídia e pelos games[...]. (FANTE, PEDRA 2008, p.100).

Embora, como já destacamos, muitos educadores considerem as agressões na escola como coisa normal, simples brincadeiras típicas da idade, Fante (2005) afirma que as consequências dessas práticas afetam a todos os envolvidos, principalmente a vítima, que poderá continuar sofrendo os efeitos negativos além do período escolar, por um bom tempo, prejudicando sua saúde física e mental. Os traumas causados podem ou não ser superados, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como do seu relacionamento social e familiar.

A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao seu desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará inconscientemente o seu



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

comportamento, mais para evitar novos traumas do que para buscar sua auto-superação. Isso afetará seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e a sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem [...]. (FANTE, 2005, p.79).

Em casos graves, a vítima pode chegar ao suicídio ou ferir algum colega gravemente, como forma de vingança. Neste sentido, sem uma ação educativa preventiva eficiente, a escola torna-se perigosa, principalmente para a vítima, podendo tanto ela, quanto o expectador tornam-se agressores ou transformarem-se em pessoas ansiosas e depressivas. O bullying provoca prejuízo escolar, emocional e familiar. Como afirma Silva (2010, p.25), “[...] além de agravar um problema preexistente, a prática do bullying pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis.”

Fante (2005, p. 81), ressalta que o fenômeno bullying deve ser considerado um caso de saúde pública em razão dos danos físico-emocionais sofridos pelos envolvidos. Portanto, faz-se necessário que pais e educadores estejam atentos às crianças no ambiente familiar e escolar, a fim de que possam identificar tanto vítimas quanto agressores, pois tanto um quanto outro necessita de ajuda e encaminhamento.

Partindo destes pressupostos, foi desenvolvido um levantamento junto à algumas escolas públicas de Itapetinga, Macarani e Vitória da Conquista como parte das atividades do curso de extensão “Bullying na escola: ações educativas preventivas e remediativas para efetivação do direito à inclusão e cidadania”, com o objetivo de identificar e analisar a situação das instituições quanto à prática de bullying. Cada extensionista aplicou aos alunos de sua sala de aula um questionário padronizado com 13 questões de múltipla escolha e uma aberta. Os resultados aqui

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

apresentados referem-se aos obtidos junto a uma turma de 6<sup>º</sup> ano de uma instituição municipal de Vitória da Conquista - BA, com idade entre 11 e 13 anos.

A primeira questão buscou levantar se os estudantes já haviam sofrido algum tipo de intimidação, agressão ou assédio na escola. Um percentual significativo (57%) respondeu afirmativamente. Este dado nos faz refletir sobre a afirmação de Fante (2008) de que brincadeiras de mau gosto e repetitivas constituem-se bullying. Será que nós, professores, estamos dando a devida atenção a essas práticas agressivas ou estamos minimizando-as sob a denominação de brincadeiras típicas da idade, mesmo nos casos em que as consideramos de “mau gosto”? Como define a autora (Fante, 2008, p.28), bullying refere-se a “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Pela resposta dos entrevistados constatamos que essas atitudes vem ocorrendo no ambiente escolar e não podem mais ser minimizadas, camufladas sob a denominação de brincadeiras.

Quando perguntados sobre a idade que tinham ao sofrerem intimidação, agressão ou assédio, 40% afirmaram que na faixa etária de 11 a 14 anos, 17% de 5 a 11 anos e 33% não responderam (33%). Observamos, por estes dados, que a violência dentro (e pelo que sabemos, também fora) começa muito cedo. Este dado é ainda mais preocupante em relação à afirmação de Corti (2006) de que as instituições educacionais não incorporam como fonte de intervenção pedagógica a violência que ocorre no ambiente escolar. Provavelmente por não a considerarem “violência” e sim “brincadeira de mau gosto característica da faixa etária da clientela atendida”. Passa a ser considerada violência, com toda a conotação do termo, quando as conseqüências trágicas são visíveis, como é o caso de lesões corporais graves ou morte. Considerando que um percentual alto (40%) afirma ter sofrido violência entre os 11 e 14 anos de idade e que esta é a faixa etária atual dos

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

entrevistados, constatamos também que a prática de intimidação, agressão e assédio na escola é algo atual, ou seja, está acontecendo hoje, sob nossos olhos. Neste sentido, faz-se urgente oferecer subsídios aos professores e equipe técnico-pedagógica das instituições escolares para que possam identificar e enfrentar a problemática.

Através do levantamento, identificamos que as práticas de agressão e violência ocorrem em todos os ambientes da escola, inclusive naqueles em que teoricamente os alunos estão sob a supervisão direta de um educador, como é o caso das salas de aula. Quando perguntado aos estudantes onde aconteceu a intimidação, agressão ou assédio na escola, eles responderam que elas aconteceram no pátio (10%), no banheiro (10%), na sala de aula (3%), indo ou vindo da escola (7%), em outro local (23%) e não responderam (47%). Fica evidente a banalização da violência e/ou o despreparo das instituições de ensino em estar atentas a essa situação. Parece haver um processo generalizado de negação da realidade por parte das instituições de ensino. No entanto, quer enxerguemos ou não o que vem acontecendo em nossas escolas, o fato é que práticas de intimidação, agressão e assédio ocorrem de forma recorrente sob nossos olhos e acarretam conseqüências que vão do sentimento de medo ao desejo de deixar de frequentar a instituição escolar ou, até mesmo, à evasão.

Os entrevistados que afirmam já ter sido vítimas de atitudes de agressão na escola, revelam que sentiram-se mal (7%), ficaram com medo (10%), desejaram não ir mais para a instituição (13%), se sentiram incomodados (17%). De acordo com Fante (2005), o bullying provoca traumas podem ou não ser superados, dependendo das características individuais de cada vítima, bem como do seu relacionamento social e familiar. Consideramos que a prevenção seja o melhor caminho para evitar esses traumas. No entanto, quando a situação de agressão já existe e os traumas já se instalaram ou estão em via de, o primeiro passo a ser dado

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

no sentido de enfrentamento, consiste na sua identificação. Neste sentido, enquanto o bullying continuar sendo minimizando ou negado sua existência estaremos contribuindo para a manutenção da problemática e para o agravamento de possíveis traumas.

Dentre os entrevistados, 33% afirmaram que a intimidação, a agressão ou o assédio, não tiveram nenhuma consequência para eles. Este fato nos chama a atenção e provoca uma dúvida: será que de fato não houve consequências, ou será que o medo ainda está tão presente que é difícil falar sobre elas, mesmo através de um questionário. Segundo Silva (2010), as vítimas geralmente são inseguras, têm auto-estima rebaixada e sentem medo de revelar o problema, até mesmo porque, em alguns casos, sentem-se culpadas (responsáveis) pelas agressões sofridas.

Quando perguntados sobre o que pensam a respeito de quem pratica intimidação, agressão ou assédio, (27%) têm pena deles, (20%) não gostam deles (6%) gostam deles, (30%) não responderam e (17%) dos entrevistados responderam que “nada pensam sobre isso”. Este percentual expressivo de alunos que dizem não ter nenhuma opinião sobre os agressores parece corroborar com a afirmação de Fante e Pedra (2008, p. 94) de que “a maioria dos expectadores fica engessada ante a violência. São acometidos de certa inércia social e indiferença ao sofrimento do outro...”

Em relação aos responsáveis pelas práticas de violência na escola, os estudantes têm suas próprias teorias: 40% dos entrevistados atribuem aos próprios agressores a culpa por esses comportamentos continuarem ocorrendo, 10% afirmam que a culpa é dos pais, dos professores e da direção da escola e não responderam (37%). Como afirma Calhau (2010), muitas vezes a própria vítima se considera culpada pelas agressões sofridas, tal o estado de fragilidade psicológica no qual se encontra.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Quanto ao sexo dos agressores, 36% dos entrevistados afirmam que foram vítimas de meninos e 17% de meninas (o restante não respondeu). Como destaca Silva (2010) os agressores podem ser de ambos os sexos e, segundo Calhau (2010), o que difere é a forma utilizada para as agressões – os meninos usando mais a força física e as meninas os ataques morais.

Quando questionados sobre o tipo de intimidação, agressão ou assédio sofridos destacaram diversas formas: físico (7%), verbal (17%), emocional (3%), racista (23%), não responderam (50%). Observamos que o percentual de agressão física está bem abaixo das agressões verbais e racistas, talvez seja esta a razão das práticas agressivas serem minimizadas no ambiente escolar, pois a agressão física deixa seqüelas visíveis e a agressão verbal e/ou moral deixa seqüelas muitas vezes invisíveis ou passíveis de serem camufladas. No entanto, como afirmam Aranha e Martins (1998), todos aqueles que são atingidos pela violência são privados de algum bem, seja ele a integridade do corpo ou do espírito.

Em relação ao que pode ser feito para resolver o problema da intimidação, agressão ou assédio, os entrevistados sugerem atitudes que vão da advertência à vingança e agressão física. Dentre as respostas surgiram: as vítimas devem se vingar; surrar o agressor; receberem advertência; a escola deve fazer uma reunião com os pais; ter regras para alunos e a direção deve tomar providências.

Pelo exposto, concordamos com Fante (2005) que ressalta bullying deve ser considerado um caso de saúde pública em razão dos danos físico-emocionais sofridos pelos envolvidos. Neste sentido, todos os segmentos da sociedade deveriam estar envolvidos na busca de soluções para a problemática. No entanto, observamos que há muito ainda a ser feito para que isso aconteça. Parece haver um processo generalizado de negação por parte das instituições educacionais e de intimidação por parte dos envolvidos. O percentual de alunos que deixaram de responder determinadas questões é um indicativo disso.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Em síntese, concluímos que práticas de intimidação, agressão e assédio constituem-se uma realidade no ambiente escolar e não podem mais ser negadas. É necessário investir na formação continuada de professores a fim de oferecer-lhes subsídios para identificar e abordar o bullying escolar, através de medidas integradas, que envolvam todo o corpo técnico-pedagógico da instituição educacional, bem como família e sociedade. Acreditamos que somente a partir desse investimento o fenômeno bullying possa realmente começar a ser abordado de forma consciente e eficaz. Violência no ambiente escolar não é brincadeira, é bullying.

### REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria L. de A.; MARTINS, Maria H. P. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CALHAU, Lélío B. **Bullying: o que você precisa saber**. Rio de Janeiro: IMPETUS, 2010.
- FALEIROS, Vicente de P.; FALEIROS, Eva S. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**, Brasília: MEC/UNESCO, 2008
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**. São Paulo: Verus, 2005.
- FANTE, Cleo, PEDRA, José A. **Bullying escolar - perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERRARI, Márcio. Violência é assunto de escola, sim! **Nova Escola**. São Paulo: Abril. Novembro/2006.
- LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Vol. 81, Nº5(supl), 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso: 23 nov.10.
- SILVA, Ana B. B. **Mentes perigosas nas escolas - bullying**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.